

INSTITUIÇÃO DA LOUCURA: ANÁLISES DO FILME "SI PUÒ FARE" PELA ÓTICA DO MOVIMENTO INSTITUCIONALISTA

CARINE CALHEIRO LAZZARI

JAQUELINE FABBI

JOZIANE KUHN

ANA PAULA RISSON

Resumo

INTRODUÇÃO: A proposta de realização da resenha crítica surgiu no componente curricular de Psicologia Institucional, do Curso de Psicologia, a partir da exibição e discussão do filme "Si Può Fare". A exibição do filme ocorreu em alusão à luta antimanicomial, no dia dezoito de maio. **OBJETIVO:** refletir sobre os manicômios e a condição das pessoas com sofrimento mental, a partir das teorias do movimento institucionalista. **SOBRE O FILME:** é baseado nas iniciativas de cooperativas da Itália, na década de 1980. O filme retrata a história de Nello, um sindicalista, que inicia seus trabalhos em uma cooperativa de pessoas com problemas mentais, ex-pacientes dos manicômios fechados pela Lei Basaglia. Acreditando firmemente na potencialidade deles, convence os sócios a substituir as esmolas assistencialistas por um trabalho de verdade. Criam conjuntamente uma empresa de parquet, onde cada um exerce uma atividade adaptada às suas respectivas capacidades. Entretanto, acabam indo de encontro às ideologias patologizantes do contexto, e demonstrando possibilidades de melhora do quadro clínico das pessoas. **DISCUSSÕES (IM)PERTINENTES:** a partir

das discussões que puderam ser construídas no espaço de troca do debate, muito pode ser pensado e compartilhado. O filme faz provocações para se remar contra a correnteza, confrontar com as ideias instituídas em nossa sociedade, a respeito da doença mental. O termo instituído utilizado, é fundamentado a partir da ideia de Barends (1936, p. 30), no qual o instituído é o resultado que está cristalizado, estabilizado, e cumpre um papel histórico, pois, as leis, normas constituídas vigoram para regular as atividades sociais. Enquanto o movimento instituinte, é dinâmico, é o processo, no caso o debate se caracteriza um movimento instituinte, pois, se procura dinamizar o que está imposto, refletir sobre, expandir horizontes. Na sociedade regrada, disciplinada, todo aquele que escapa da dinâmica de massificação e uniformização, já imposta em nossa sociedade, é considerado louco. Temos exemplos de condutas, condições, doenças físicas, posturas políticas, etc. No passado, comportamentos fora desse padrão, foram consideradas impróprios para a vida em meio aos "normais", e acabaram por ser depositados em manicômios, sem as mínimas condições de saneamento básico e de vida. Ao longo da história da humanidade a doença mental, em outras épocas e contextos, outras inúmeras técnicas e métodos desumanos e agressivos eram praticados. Por fugir do controle, "por representar uma desobediência e má criação", não se adaptando a uma ordem pré-estabelecida. São olhares e formas de entendimento que a loucura teve ao longo dos séculos, sempre tratada com violência, desprezo, repúdio, alvo de pensamentos higienistas. Ainda hoje, as pessoas com patologias de ordem mental são estigmatizadas e rotuladas, o que dificulta ainda mais suas relações sociais, de trabalho, aprendizado, oportunidades, consequentemente, prejudicando ainda mais sua saúde mental e qualidade de vida. Um pensamento com origem há séculos passados, ainda tem reflexos em nossa sociedade. O movimento da Luta Antimanicomial, criada no ano 1987, pelos profissionais de saúde, que contribuíram também na constituição do Sistema Único de Saúde (SUS), vem lutando contra esse pensamento higienista, que isola, exclui, rompe com os direitos humanos, dopa as pessoas com medicamentos, as quais não quer ajudar, apenas

calar. O menor sinal de loucura que podemos visualizar, no sentido de rompimento do que está instituído, num movimento instituinte, procura-se medicar, encontrar alguma classificação nos manuais e assim nosologicamente enquadrar, para poder tratar, e "abafar" os sintomas, porque a loucura é contagiosa. Pois, seres humanos são diversidades: de pensamentos, de comportamentos, em sua forma de sentir e vivenciar o mundo. Provavelmente, louco é querer ignorar o que é próprio e natural das pessoas. Portanto, a loucura é sim, contagiosa! Já que, o ser humano é diversidade, ter espaço para pensar, agir, ser de sua própria forma, sair do modelo enrijecido que é imposto, é uma proposta instigante. Nem mesmo as crianças estão livres das classificações, nem mesmo elas podem demonstrar o pouco de loucura que lhes é de direito, ao menor manifesto da loucura, correr, gritar, desenhar nas paredes, criar, imaginar, falar, expressar. Os pais, escola, vizinhos, sociedade lhes aponta e supõe diagnósticos. Fala-se tanto de inclusão nos últimos tempos, mas parece que pouco se tem feito em relação. As piadinhas continuam, os excessos de diagnósticos continuam, as oportunidades de trabalho ainda excluem, as ruas permanecem inadaptadas aos cadeirantes, a consciência também. Sendo esse o desafio da psicologia, criar práticas inclusivas, auxiliar no abandono de técnicas que isolam as pessoas, seja em instituições ou em suas próprias casas, com práticas que violam os seus direitos, que apenas as tranquilizam. Os CAPS, tem sido uma criação em prol desse pensamento, o qual já vem cuidando com respeito e dignidade à vida. Contudo, esse é o papel do psicólogo, construir com a sociedade um novo olhar, empoderar pessoas, orientar e criar vínculo com as demais profissões para abraçar a causa, principalmente na área da saúde, e assim, a criação de novas estratégias, essas sendo públicas, em sua maioria, pela abrangência que possui. À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS: A partir dessas reflexões, percebe-se que há muito a ser trabalhado. Começando pela forma de educar e o olhar das famílias, pois a presença deles é fundamental, se constituindo um suporte emocional. O trabalho a ser desenvolvido e implicado pelo profissional da psicologia deve ter como objetivo a forma como os seres humanos estão se

relacionam, não apenas com doentes mentais, mas sim, com qualquer indivíduo, na busca pela superação de dificuldades e estigmas. Dessa forma, quando Nello afirma sua loucura, subentendesse que não há sujeitos normais. A normalidade são padrões impostos em uma sociedade que tem diversidades, igualdades, comportamentos, educações, singularidades que estão além de ser normais, pois cada um tem a sua loucura. Não se pode padronizar, quando o normal é ser diferente. Contudo, procura-se olhar a psicopatologia como uma das partes do indivíduo, e não como a soma delas. Considerando-o um sujeito de direitos, valores, sonhos, desejos, sentimentos, emoções, defeitos, qualidades, dificuldades, enfim, humano.

E-mails:

ana.risson@unoesc.edu.br

carine.calheiolazzari@hotmail.com

jaque_fabbi@live.com

jozianekuhn23@gmail.com

REFERÊNCIA:

BAREMBLITT, Gregorio. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. 5ªed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guatarri, 1936.